



INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS MACEIÓ
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS - PORTUGUÊS

CRISTIANE SILVA COSTA PARANHOS
KEZIA GALVÃO DOS SANTOS DE SOUZA

LETRAMENTOS E GÍRIAS NA SALA DE AULA DE UM COLÉGIO MILITAR DE
ALAGOAS

MACEIÓ, AL
2024

CRISTIANE SILVA COSTA PARANHOS
KEZIA GALVÃO DOS SANTOS DE SOUZA

LETRAMENTOS E GÍRIAS NA SALA DE AULA DE UM COLÉGIO MILITAR DE
ALAGOAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Letras/português do
Instituto Federal de Alagoas, *Campus* Maceió,
como requisito parcial para a obtenção do grau
de Licenciandas em Letras - Português.

Orientadora: Prof^a. Dr.^a Josenice Claudia Moura de Lima.

MACEIÓ, AL
2024



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal de Alagoas
Campus Maceió
Biblioteca Benevides Monte

469.7
P2231

Paranhos, Cristiane Silva Costa.

Letramentos e gírias na sala de aula de um colégio militar de Alagoas [recurso eletrônico] / Cristiane Silva Costa Paranhos, Kezia Galvão dos Santos de Souza. – Dados eletrônicos (1 pdf : 1,62 MB). – 2024.

Trabalho com 60 f.

Inclui figuras (coloridas e preto e branco).

Inclui referências, apêndices e anexos.

Orientação: Profa. Dra. Josenice Claudia Moura de Lima.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras-Português) – Instituto Federal de Alagoas, *Campus Maceió*, Maceió, 2024.

1. Letras – Português. 2. Letramentos – Linguística aplicada. 3. Gírias. 4. Língua e linguagem. 5. Língua portuguesa – Ensino-aprendizagem. I. Souza, Galvão dos Santos de. II. Título.


CRISTIANE SILVA COSTA PARANHOS
KEZIA GALVÃO DOS SANTOS DE SOUZA

LETRAMENTOS E GÍRIAS NA SALA DE AULA DE UM COLÉGIO MILITAR DE
ALAGOAS


Dissertação apresentada ao Curso de Graduação em Letras - Português do Instituto Federal de Alagoas, *Campus* Maceió, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciandas em Letras - Português.

Aprovado em: 12/02/2024.


BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 JOSENICE CLAUDIA MOURA DE LIMA
Data: 21/08/2024 06:57:37-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Josenice Cláudia Moura de Lima (Orientador/a)
Instituto Federal de Alagoas – IFAL

Documento assinado digitalmente
 CHRISTIANE BATINGA AGRA
Data: 16/02/2024 08:29:31-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Christiane Batiga Agra
Instituto Federal de Alagoas – IFAL

Documento assinado digitalmente
 POLIANA PIMENTEL SILVA
Data: 16/02/2024 08:53:21-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Poliana Pimentel Silva
Instituto Federal de Alagoas – IFAL

A Deus que esteve conosco em todos os momentos nos direcionando,
conduzindo e inspirando.

AGRADECIMENTO

"Bendiga o Senhor a minha alma! Não esqueça nenhuma de suas bênçãos! "

Salmos 103:2.

A Deus, que é nossa força durante todos os momentos de nossas vidas, nosso Pai e guia.

Às nossas famílias, nossa âncora e inspiração para sempre sermos as melhores versões de nós mesmas e lutar por uma sociedade mais justa.

Dedicamos esta conquista, aos nossos amados pais Edna Galvão, Antônio Carlos Oliveira, Maria José Costa e Henrique Costa.

À Professora Josenice Cláudia, pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão desse projeto; o acolhimento que recebemos nos empoderou como pesquisadoras e professoras, mostrando a profissional, docente e pesquisadora que é, um verdadeiro exemplo para nós.

A todos os professores que fizeram parte da nossa vida escolar e acadêmica, que nos constituíram como estudantes e nos auxiliaram no desenvolvimento desta pesquisa.

Aos amigos e colegas, pelo incentivo e apoio constantes.

Aos nossos colegas e parceiros do curso de Letras - Português, que compartilharam tantos momentos conosco e deram forças, torceram por nós durante essa jornada de conhecimento.

Às comunidades das Igrejas Missionária El Caná e Família da Fé Igreja Cristã, que foram para nós suporte e apoio, nos posicionando a exercer a nossa fé e a confiar que Deus nos conduziria. E que estiveram nos cobrindo com orações e palavras de incentivo.

Aos nossos pastores Helvécio Lopes, Thayse Lopes, Sizino Alves e Gerlanes Alves que foram nossa cobertura espiritual.

Agradeço também ao meu esposo, Fábio Paranhos, meu grande incentivador, que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldades. Assim como os meus filhos Fabianne Cristinne e Rafael Henrique que apesar de minha ausência em muitos momentos, me incentivaram e apoiaram, vocês são os meus melhores presentes.

Agradeço aos meus avós Manuel Alves, Maria Conceição Alves e Eunice Galvão, que são minha bússola.

Às professoras Poliana e Christiane por aceitarem o convite para participar da banca, pelas leituras e contribuições.

RESUMO

A presente pesquisa objetiva investigar como se dá o uso das gírias que circulam nas redes sociais e no ambiente escolar, refletindo sobre como pode ser um recurso linguístico no processo de ensino aprendizagem da língua materna e instrumento de interação entre professor (a) e estudantes. No processo da pesquisa observamos que há uma preocupação da escola quanto ao uso da Norma Padrão da Língua e que isso promove certo desprezo por outras possibilidades de comunicação entre professores e estudantes. Diante do possível apagamento das variações linguísticas, essa postura favorece o preconceito linguístico limitando a aprendizagem apenas ao dito “padrão” desmerecendo as outras formas de linguagens como neste caso as gírias. Os aspectos teóricos tiveram por base autores que trazem conceitos importantes sobre Língua e Linguagem (BAKHTIN, 2016) e (VOLOCHINOV, 2021), Letramentos (KLEIMAN, 2006), (SIGNORINI, 2006), (SOUZA, 2011), (BATINGA AGRA, 2018) e (SILVA, 2016), pesquisa qualitativa (TRIVIÑOS, 1987) e (ANDRÉ, 1995), Vozes do Sul (MOITA LOPES, 2006), Gírias (PATRIOTA, 2009), dentre outros. O trabalho apresenta um estudo de caso realizado em um colégio militar de Maceió onde se observou uma turma do 7º ano do Ensino Fundamental, com base em uma pesquisa qualitativa. Considerando esse contexto descrito, o presente estudo buscou analisar as gírias à luz da Linguística Aplicada e dos Letramentos, das redes sociais para o ambiente escolar, como podem contribuir no processo de ensino aprendizagem da língua portuguesa, bem como na relação professora/estudantes. A partir desse estudo observamos não apenas a relevância do tema, mas também a transgressão dos estudantes ao usarem gírias na sala de aula.

Palavras-chave: Letramentos. Gírias. Língua e Linguagem. Vozes do Sul.

ABSTRACT

This research aims to investigate how slang that circulates on social networks and in the school environment is used, reflecting on how it can be a linguistic resource in the process of teaching and learning the native language and an instrument of interaction between teacher and students. In the research process we observed that there is a concern at the school regarding the use of the normative grammar and that this promotes a certain disqualification for other possibilities of communication between teachers and students. Faced with the possible erasure of linguistic variations, this stance favors linguistic prejudice, limiting learning only to the so-called “standard”, belittling other forms of language, such as slang in this case. The theoretical aspects were based on authors who bring important concepts about Language (BAKHTIN, 2016) and (VOLOCHINOV, 2021), Literacies (KLEIMAN, 2006), (SIGNORINI, 2006), (SOUZA, 2011), (BATINGA AGRA, 2018) and (SILVA, 2016), qualitative research (TRIVIÑOS, 1987) and (ANDRÉ, 1995), Voices of the South (MOITA LOPES, 2006), Slang (PATRIOTA, 2009), among others. The work presents a case study carried out in a military school in Maceió where a 7th year elementary school class was observed, based on qualitative research. Considering this described context, the present study sought to analyze slang in the light of Applied Linguistics and Literacy, from social networks to the school environment, how they can contribute to the process of teaching and learning the Portuguese language, as well as in the teacher/student relationship. From this study we observed not only the relevance of the topic, but also the transgression of students when using slang in the classroom.

Keywords: Literacies. Slang. Language. Voices from the South.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Pais e Filhos.....	47
Figura 2 - Você está estudando que língua?.....	48
Figura 3 - Em casa vs Com os amigos.....	49
Figura 4 - Dados PNAD/IBGE.....	50

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	OBJETIVOS.....	11
1.1.1	Objetivo Geral	11
1.1.2	Objetivos Específicos	11
1.2	JUSTIFICATIVA.....	12
2	ASPECTOS TEÓRICOS	13
2.1	LÍNGUA E LINGUAGEM.....	13
2.2	LINGUÍSTICA APLICADA	14
2.2.1	Vozes do Sul	16
2.3	LETRAMENTOS.....	16
2.3.1	Ultrapassando fronteiras: Além da Lexicografia	18
2.3.2	Gírias: conceito e contexto	19
3	GÍRIAS COMO LETRAMENTOS	21
4	ASPECTOS METODOLÓGICOS	24
4.1	ABORDAGEM DA PESQUISA.....	25
4.2	PARTICIPANTES ENVOLVIDOS.....	26
5	INTERPRETAÇÃO DAS PRODUÇÕES	27
5.1	PRODUÇÕES DE TIRINHAS, MEMES E QUADRINHOS.....	27
5.2	PRODUÇÕES ORAIS - DEBATE.....	31
5.3	<i>BRAINSTORMING</i>	33
5.4	QUESTIONÁRIO.....	34
6	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	39
	REFERÊNCIAS	40
	APÊNDICES	43
	ANEXOS	53

1 INTRODUÇÃO

O interesse em estudar “Letramentos e gírias na sala de aula de um colégio militar de Alagoas” foi provocado durante as aulas de Linguística Aplicada, momento em que a professora desta disciplina nos levou a refletir sobre possíveis temas que envolvem a Linguística Aplicada em nosso cotidiano.

A discussão sobre este tema pode ser relevante pelo fato de que faz parte da realidade dos estudantes inseridos nas faixas etárias que abrangem o Ensino Básico principalmente Fundamental II e Ensino Médio, que é uma das áreas de atuação do docente de Letras. Abordar a diversidade na escrita e na fala refletindo sobre a variação linguística nos prepara para a compreensão do nosso objeto de estudo, as gírias e letramentos, uma vez que elas visam atender às necessidades comunicativas e cognitivas do falante.

Durante nossos encontros nas aulas de Linguística Aplicada surgiram alguns questionamentos de nossa parte: Como as gírias circulam na sala de aula? O que acontece com essas gírias no ambiente educacional? Qual a importância de conhecer e utilizar as gírias para o fazer docente?

Tais questionamentos tiveram como base nossa experiência de observação em um estágio numa escola militar de Maceió. Pudemos refletir sobre a presença das gírias nas falas de alguns estudantes, mesmo que isso transgredisse as normas do local, que pretende ser disciplinado e vê a língua de forma estática e mais tradicional, o contrário da nossa visão, baseada em Bakhtin e na LA, que veem a língua como a linguagem em uso, que precisa fazer sentido, sendo algo vivo e dinâmico. “A Língua é um processo dialógico e traz consigo uma atitude responsiva ativa. Ela é o reflexo das relações sociais estáveis dos falantes” (Bakhtin, 1990, p. 147). Concordamos também que “a Língua sempre traz consigo a oportunidade de resposta” (Lima, 2015, p.24). Por conta dessa nossa percepção de língua optamos por propostas diferenciadas, que saíssem do ensino tradicional e explorassem mais a criatividade e o social dos/as estudantes.

A pesquisa foi construída a partir da necessidade de refletir sobre o fenômeno das gírias nas redes sociais, uma vez que elas alcançam o ambiente escolar por meio das interações entre os estudantes.

No diálogo entre professores e estudantes temos a língua como um ponto central e essa interação se dá por meio de variações presentes na comunicação entre ambos, onde

o uso das gírias é utilizado e com isso a necessidade de o professor(a) conhecer um pouco mais sobre esses recursos linguísticos promovendo uma melhor integração. Assim os/as estudantes poderão se sentir parte do seu processo de ensino/aprendizagem, bem como do discurso do professor, entendendo e refletindo como as gírias fazem parte de suas identidades, movimentos culturais e políticos.

O presente estudo propõe uma reflexão a partir da pesquisa qualitativa (Triviños, 1987), baseada nos estudos da Linguística Aplicada, quanto ao uso e letramentos das gírias nas práticas de ensino/aprendizagem de língua portuguesa. Para investigar as gírias atuais em circulação, nosso campo de pesquisa foi o Colégio Estadual da Polícia Militar, no segmento do Ensino Fundamental II, em uma turma do 7º ano “E”. Essa investigação nos permite verificar a presença e o tratamento das gírias no ambiente escolar, o que nos aproxima dos estudantes ao observarmos a língua em movimento e em funcionamento.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Investigar como as gírias circulam no ambiente escolar, bem como sua relevância no processo de letramentos e ensino/aprendizagem de língua materna.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Refletir sobre como as concepções de língua/linguagem estão atreladas aos sentidos das gírias como pertencimento/identidades;
- Discutir como as gírias permeiam o espaço educacional, por intermédio da Linguística Aplicada (LA) e dos letramentos, promovendo interação entre professor e estudantes.

1.2 Justificativa

A presente pesquisa se justifica pela necessidade de um olhar mais atento às situações de exclusão social, preconceito e discriminação por meio da linguagem em que muitas vezes reproduzimos ou rejeitamos durante nosso cotidiano na profissão docente.

Pensar sobre gírias e variação linguística é abrir espaço para uma discussão pertinente em meio ao ambiente educacional, uma vez que, compreendemos que a linguagem do dia a dia tem sido um espaço marginal, excluído e evitado. No entanto nos propomos a “ver com outros olhos” o ambiente educacional pois este é o lugar onde:

“As opções políticas envolvidas nessa ótica têm implicações para construção do presente e de futuros sociais possíveis, menos aprisionadores e mais comprometidos com a transformação de situações de exclusão social em diversas áreas, causadoras de sofrimento humano. É em razão dessas possibilidades que as escolhas temáticas e teóricas se justificam, e não em razão de uma superioridade epistemológica.” (Fabrício, 2006, p.52)

O ambiente educacional é o lugar onde essas práticas sociais devem ser refletidas e reconstruídas, uma vez que defendem a cultura jovem e a comunicação por meio de diversos recursos linguísticos como as gírias, grafites, memes e outras expressões da linguagem. A escola está inserida nesse contexto de territórios subestimados, onde muitas realidades se encontram, o que possibilita de forma teórica e prática construir um espaço de diálogo e reflexão acerca da sua própria identidade, a partir de um campo criativo e fértil não se sujeitando apenas aos discursos impostos.

2 ASPECTOS TEÓRICOS

Nessa seção do trabalho discutimos os principais aspectos teóricos de nossa pesquisa, como: concepções de língua/linguagem; as contribuições da Linguística Aplicada nesse processo de reflexões sobre o processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa; refletimos também sobre as vozes do sul, que são as vozes silenciadas por motivos políticos, econômicos e epistemológicos e propomos as gírias como uma forma de ouvir as vozes do sul e de sermos, como docentes de língua portuguesa, agentes de letramentos.

2.1 Língua/linguagem

Bakhtin (2016, p.156), aponta para a língua não apenas como um sistema de regras rígidas, mas, como uma língua com uma função dialógica presente em todas as esferas da atividade humana. Para ele, “essa concepção de uma língua literária nacional acabada, definitiva, que exclui outras formas sociais de linguagem e se pretende única e comum a todos, porque sente nesse argumento um cheiro de reducionismo “sociológico”, não reflete a realidade da Língua.

Refletir acerca das gírias dentro do ambiente educacional abre portas para um olhar diferente no ensino aprendizagem da língua materna, que conforme Bakhtin “[...] essa língua viva que move a “língua nacional”, faz dela um organismo dinâmico e abrangente que agasalha os diferentes modos de ser da própria língua através das múltiplas vozes que a povoam” (Bakhtin, 2016, p.156).

Bakhtin (2015, p.29-30) contribui para o objeto desta pesquisa quando defende que a concepção de língua engloba diversos aspectos que muitas vezes passam despercebidos entre nós falantes. Dentro de uma língua nacional única, podemos identificar uma estratificação interna composta por dialetos sociais, maneiras de grupos, jargões profissionais e até mesmo as linguagens específicas dos gêneros, das faixas etárias e das tendências políticas. Assim, as gírias são compreendidas como participantes das diversas formas de linguagem e que devem ser consideradas no ensino da língua materna.

Todas essas nuances linguísticas são importantes para compreendermos a complexidade e a diversidade da comunicação humana. É fundamental reconhecer que a língua não é estática, mas sim um reflexo da sociedade em constante transformação.

Portanto, ao considerarmos essa perspectiva linguística, ampliamos nosso entendimento sobre a linguagem e nos tornamos mais conscientes das múltiplas formas de expressão que nos cercam.

Volóchinov (2021) reforça esse entendimento a respeito da língua imbricada com a ideologia, e como o discurso apresenta um caráter sócio-histórico-cultural multifário, que se manifesta de acordo com o contexto em que se está inserido. No caso das gírias, o uso se dá tanto nas redes sociais quanto no cotidiano escolar, entre os estudantes. Assim sendo,

A língua no processo de sua realização prática não pode ser separada do seu conteúdo ideológico ou cotidiano. Para separar de modo abstrato a língua do seu conteúdo ideológico ou cotidiano, também seria necessária uma orientação específica, não condicionada pelos objetivos da consciência falante. (Volóchinov, 2021, p.181)

Durante a aprendizagem da língua materna é importante considerar tanto a norma padrão gramatical normativa, quanto suas variações e reestruturações, não se detendo ao pensamento gramatical sistemático em sua visão conservadora que, segundo Volóchinov, é incompatível com a língua viva e histórica, mas, considerar as diversas possibilidades do sistema em uso. Em suma, embora a língua e seu conteúdo ideológico ou cotidiano estejam intrinsecamente relacionados, a análise da língua pode envolver tanto uma compreensão abstrata de sua estrutura formal quanto uma consideração dos fatores sociais, ideológicos e cotidianos que a moldam tornando-se significativos para os falantes.

2.2 Linguística Aplicada

Ao estudarmos e lermos trabalhos de diferentes áreas, até mesmo dentro da própria linguística, percebemos que há uma compreensão de que existem dois tipos de conceitos de ciência: a primeira, conhecida como “pura”, que descreve o mundo, e é chamada de ciência teórica, e uma segunda, denominada como “prática” ou “impura”, que tem como objetivo transformar o mundo, mais conhecida como ciência aplicada. Sendo a última, onde se encaixa as concepções da LA.

A Linguística Aplicada tem quatro pilares essenciais: indisciplinaridade, transgressividade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. Com esses aspectos, essa ciência tem um arcabouço muito mais amplo para construção de suas pesquisas, indo além das organizações rígidas de conhecimento e de como atuamos no mundo; o que nos leva ao fato de que não se faz aplicação na LA, pois a pesquisa já é aplicada ao passo que é construída juntamente com os/as participantes. Não aprendemos ou ensinamos essa ciência, mas sim, vivemos. De acordo com essas vivências e do cotidiano, somos capazes de fundamentar nossa pesquisa, pois se compreendemos que a ciência aplicada transforma o mundo, temos que partir da sociedade para a pesquisa e não moldar a sociedade para dentro das expectativas do estudo.

Um ponto importante da Linguística Aplicada, e que fundamentamos em nossa pesquisa, é a visão humana e plural de nossos/as participantes. Baseamo-nos nas habilidades e experiências da turma que acompanhamos, assim como todas as pessoas que tivemos contato e compõem esse ambiente escolar, tendo como um dos focos principais a colaboração que preza pelo respeito mútuo, espaços de diálogo entre a academia e a sociedade fora dela.

O fato da LA, juntamente com os letramentos de reexistência¹, ver os colaboradores para além de sujeitos e objetos da pesquisa, mas sim como auxiliares, e também pesquisadores, ouvir a voz das pessoas que sofrem com a invisibilização das barreiras da intolerância e marginalização, que dificultam suas existências de serem contempladas, nos dá um significado muito mais profundo para a pesquisa, o que faz diferença para os colaboradores, pesquisadores e quem tem acesso a esse estudo.

O que nos leva a refletir sobre como a docência, principalmente na área das linguagens, também contribui para a ciência aplicada, pois: “A profissão docente é uma prática social, ou seja, como tantas outras, é uma forma de intervir na realidade social, no caso, por meio da educação que ocorre, não só, mas essencialmente nas instituições de ensino” (Pimenta e Lima, 2005, p.11).

¹ Termo usado por Souza, 2011.

2.2.1 Vozes do Sul

A Linguística Aplicada aponta para um ensino/aprendizagem da língua em que professores e estudantes sejam respeitados em suas especificidades, sem ignorar o fato de que ambos têm corpos nos quais suas classes sociais, sexualidades, gênero, etnia e limitações devem ser contempladas em sua totalidade.

Quero focalizar especificamente o problema relativo a quem é o sujeito da LA. A chamada ciência moderna já foi amplamente criticada por se basear em um sujeito homogêneo e essencializado como branco, homem, heterossexual de classe média que as teorias feministas *queer* anti-racistas, pós-coloniais e pós-modernistas se encarregam de construir. (Moita Lopes, 2002 p.101-102)

Pesquisar as gírias para além da variação linguística é ouvir a voz dos excluídos, compartilhar vivências que colaboram na construção de conhecimentos anti hegemônicos quebrando o sistema do capitalismo neoliberal, diversificando os pensamentos. Para Moita Lopes (2002) é criar espaço para e com as vozes dos que estão à margem: pobres, negros, indígenas e outras minorias.

2.3 Letramentos

Os letramentos são um processo, dentro e fora da sala de aula/escola, que têm uma relação de dicotomia com a alfabetização, pois parte do pressuposto de que não basta o/a estudante ser alfabetizado, mas também letrado, para que possam ter uma maior atuação quanto ao uso da língua em diferentes contextos sociais.

Compreendemos que esses indivíduos têm outras demandas além de apenas aprender a ler e escrever, mas de terem maior protagonismo diante da linguagem, do uso social e afetivo da língua, não apenas autonomia, mas criticidade e compreensão das habilidades dessas práticas sociais. Reconhecemos que um dos aspectos dos letramentos é a pluralidade social, que vai de processos mais escolarizados até os mais corriqueiros (como a família, comunidades religiosas, mídias) e que esses grupos sociais são culturalmente diversificados.

A partir dessa heterogeneidade e do modo que esses sujeitos se apropriam da língua de acordo com o contato fora da escola, observamos os letramentos de reexistência tomarem espaço e são configurados de forma que

implicam para os jovens assumir e sustentar novos papéis e funções sociais nas comunidades de pertença e naquelas com que estão em contato. Tal perspectiva contribui para pensar alterações necessárias e instaurar mudanças em processos mais amplos, em variadas esferas sociais, como a escola (Souza, 2011, p.35).

Esse tipo de letramento faz o movimento de envolver espaços não escolarizados e valorizar o uso da linguagem dentro desses ambientes múltiplos, estimulando e respeitando a diversidade linguística, social e cultural ali presentes.

Num país como o Brasil, que há uma desigualdade abissal não apenas civil, mas de acesso à escrita, leitura e cultura (Signorini, 2012) os letramentos vêm como uma forma de visibilizar e valorizar não apenas a leitura e escrita formal, mas também de legitimar práticas sociais que muitas vezes são crucificadas dentro do ambiente escolar, como as gírias.

Esse ativismo implica na reexistência, resistência e sobrevivência de aspectos que não fazem parte do cânone presentes na escola, mas que são tão fortes quanto, pois se articulam com nossas vivências e cotidiano, ganhando diferentes sentidos e formas de cativar os sujeitos. “Por isso, os letramentos são múltiplos e, além disso, são críticos, pois englobam usos tão variados quantas são as finalidades dessas práticas” (Souza, 2011, p.35). Sobre as diversas formas/ gêneros que podemos trabalhar em sala de aula, concordamos com Batinga Agra e Ifa quando afirmam que

O importante é permitir às crianças da escola pública acesso a discursos diversos para que elas consigam deles se apropriar de forma consciente e crítica. Assim, podemos trabalhar com textos escritos formais, mas também com fotos, propagandas, vídeos vinculados em mídias sociais, mensagens de aplicativos de conversas instantâneas, cardápios, programas de TV, enfim, textos que vinculam discursos que muitas vezes fazem parte da realidade vivida pelos estudantes e que eram/são frequentemente excluídos por jamais pensarmos poder discuti-los em sala de aula. (Batinga Agra e Ifa, 2018, p. 34)

Assim como os exemplos acima citados, as gírias também eram frequentemente excluídas das aulas de língua portuguesa onde estagiamos, pois havia um discurso entre as docentes que enfatizava que o certo é aquilo que está regido pela norma culta da língua e o que está no dia a dia, nas redes sociais, na fala eram deixados à margem das discussões. Em contrapartida, nós como pesquisadoras e docentes escolhemos ser agentes de letramentos, pois assim como Lima (2020) compreendemos

agência em consonância com Kleiman (2006, p.88) que faz uma distinção entre os termos mediador e agente de letramentos para se referir ao papel do professor na contemporaneidade. A palavra agente, segundo a autora, traz consigo os sentidos de ação, atividade, agência. Eu acrescento: envolvimento,

posição política e autoria. No processo de Ensino-Aprendizagem, ao fazer a opção de o que e como lecionar, o docente tem a possibilidade de exercer sua agência, deixando de ser mero mediador e tornando-se um agente de letramentos, através de suas escolhas – sempre ideológicas. (Lima, 20020, p. 54).

É sempre um discurso recorrente nas escolas que devemos cumprir programas, seguir livros didáticos, trabalhar a gramática normativa. Por esse motivo docentes de línguas têm um grande desafio quando se propõem a ser agentes de letramentos, pois assim como Silva (2016) afirma:

Um dos grandes desafios do professor de LE é tentar retratar os aspectos sociais que circulam e interferem diariamente na vida das pessoas. Refletir as práticas sociais, por meio do ensino e aprendizagem de línguas, pode ser um caminho promissor para que o aluno entenda como as hierarquias na sociedade são construídas e funcionam. (Silva, 2016 p.129)

Dessa forma, trabalhar com letramentos é refletir as práticas sociais, é ouvir as vozes que circulam no dia a dia de nossos estudantes, seja em sala de aula ou fora dela e trazer essas vozes/discursos para reflexão em sala de aula

2.3.1 Ultrapassando fronteiras: além da lexicografia

Quando falamos de lexicografia, nos referimos ao léxico de dada língua, o léxico nada mais é que uma palavra, a lexicografia é área de pesquisa que busca elaborar representações, ou seja, modelos dos léxicos, modelos das palavras, a construção de dicionários, propriamente dizendo, também elabora as definições lexicais e entre outros. Mas, não apenas isso, o estudo dos léxicos pode se dividir entre muitas vertentes, sendo algumas delas: a Lexicologia; Lexicografia e a Metalexigrafia.

Entretanto, nesta pesquisa nosso foco é analisar as gírias a partir da visão da Linguística de Corpus (Rajagopalan, 2006) e da teoria Bakhtiniana, isto é, considerando a linguagem como uma atividade de interação entre os indivíduos e usuários da língua, sobretudo pelas gírias terem esse berço em diferentes lugares sociais, assim como para Bakhtin (2016), que defende que a linguagem “[...] é um produto da vida social que não é de nenhum modo congelado ou petrificado: ela está em vir a ser e, em seu desenvolvimento, ela segue a evolução social” (Bakhtin apud Araújo, Souza, 2016, p. 9)

As gírias fazem parte do cotidiano de toda a sociedade e estão presentes no vocabulário dos estudantes; são fruto de nossa cultura e de quem somos, de quem fomos

e toda uma colcha de retalhos, dos nossos antepassados, da nossa língua que perpassam por todos esses anos.

2.3.2 Gírias: conceito e contexto

Segundo um dos dicionários mais conhecidos e utilizados em nosso país para consultas de léxicos e seus significados, o **Mini Dicionário Aurélio: O dicionário da língua portuguesa** (2010):

Gíria

sf. **1.** Linguagem de malfeitores, malandros, etc.

2. Linguagem que, nascida em certo grupo social, termina estendendo-se à linguagem familiar. (Aurélio, 2010, p. 379)

Percebe-se o preconceito linguístico e social que há implícito e explícito no conceito, sendo que as gírias são uma unidade da linguagem que foi e continua sendo construída de modo coletivo, visto que nasce junto com a história brasileira e também é fruto da desigualdade social e racial.

Patriota (2009, p. 31) define gíria como “fenômenos chamados de linguagens especiais: formas e expressões linguísticas que, motivadas por fatores como idade, sexo, profissão, condição social, escolaridade, surgem como variações próprias de grupos que compartilham uma forma particular de comunicação”.

Ou seja, as gírias são um conjunto de unidades linguísticas podendo ser frases, expressões, interjeições e vocativos de lexicais simples ou complexos que identificam um grupo social, onde sempre foram vistas com estigma e preconceito, como uma linguagem torpe e até mesmo indecente pelos gramáticos e linguistas tradicionalistas; principalmente por ter um teor, antes predominantemente, oral. Esse preconceito linguístico descredibiliza o quanto as gírias são uma possibilidade e meio de se incentivar e trabalhar a criticidade, o ativismo, identificação e reflexão por intermédio dos letramentos de reexistência e da LA.

Não se sabe ao certo como as gírias tiveram início no Brasil, principalmente por escrito, no entanto, é possível traçar alguns dos seus primeiros indícios nas poesias

satíricas de Gregório de Matos, no século XVII. Não se sabe realmente distinguir se eram, de fato, gírias ou apenas palavras obscenas; mas segundo Dino Preti (2001), foi no fim do século XIX, com o crescimento da capital (naquele tempo, o Rio de Janeiro) que as gírias começaram a ser observadas como parte da linguagem de grupos sociais; um dos retratos e recorte dessa época foi com o romance naturalista de Aluísio Azevedo “O Cortiço”, a imprensa também teve uma grande influência; isso porque na época vários tabloides estavam tomando espaço com comentários “ácidos” e “irreverentes”.

A partir da imprensa *fescenina*, em um tabloide conhecido como “O Coió”, que em 1901 Bock (pseudônimo de José Ângelo Vieira de Brito) se destaca com seu “Dicionário Moderno”; que nada mais era que um verbete de palavras eróticas que estavam em alta na sociedade carioca, mas que tinha um subtítulo muito curioso e com tom de sarcasmo:

Vocabulário galante ao paladar do povo da lira contendo a tecnologia completa da gíria carioca, significados positivos do calão nacional e maneira especial de dizer as cousas que não se dizem. Especialmente feito para o uso das escolas normais e anormais, e aprovado pelo Conselho Superior de Instrução de Coiós. (BOCK apud PETRI, 2001, p. 61).

Petri (2001) ainda ressalta que o primeiro a reconhecer e exaltar essa linguagem foi Noel Rosa, um compositor e poeta da escola de Samba Vila Isabel, nos anos 30 com o samba-enredo intitulado “Não tem tradução”:

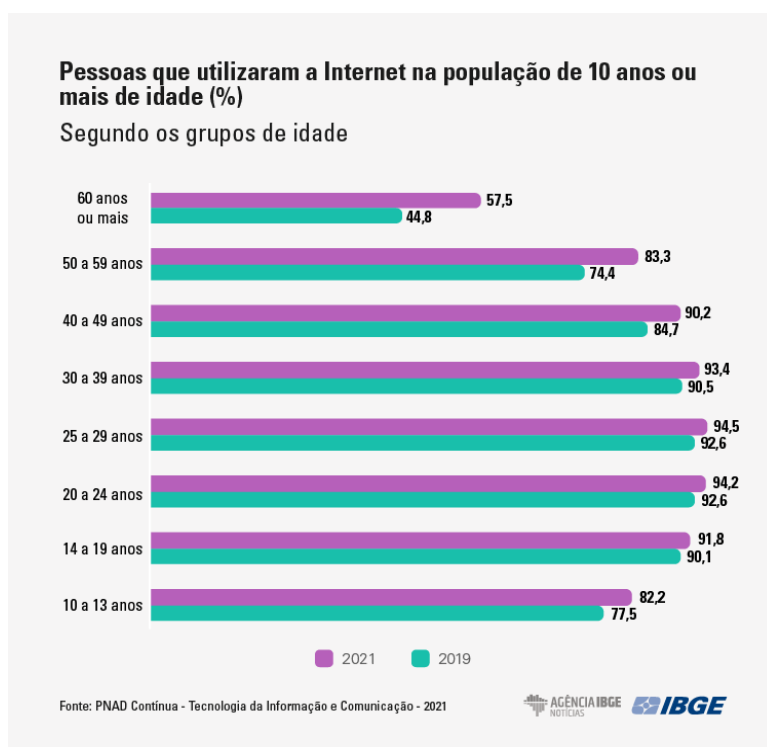
A gíria que o nosso morro criou
 Bem cedo a cidade aceitou e usou
 [...]
 Essa gente hoje em dia que tem a mania da exibição
 Não entende que o samba não tem tradução no idioma francês
 Tudo aquilo que o malandro pronuncia
 Com voz macia é brasileiro, já passou de português.

Ressaltando não só apenas como as gírias são, de fato, fruto de grupos sociais; uma construção comunitária e social, mas também como elas se propagam de grupos e classes diferentes e quando saem desses círculos se estendem para toda a sociedade.

3. GÍRIAS COMO LETRAMENTOS

Segundo a BBC News Brasil², o Brasil tem uma das populações mais ativas nas redes sociais, exatamente o terceiro lugar no ranking mundial, com média de 3 horas e 42 minutos. A proporção de pessoas com 10 anos ou mais que acessaram a Internet no período de referência da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) subiu de 79,5% para 84,7% de 2019 para 2021.

Ao observarmos essa evolução na proporção de acesso à Internet que indica uma maior inclusão digital e um aumento no uso da tecnologia no cotidiano das pessoas, inclusive, no que se refere à educação, consideramos alguns dados importantes para a presente pesquisa, como as gírias que muitas vezes circulam na internet e são reproduzidas em sala de aula. O gráfico abaixo, disponibilizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), mostra a proporção de acesso à internet por faixa etária:



fonte: PNAD/IBGE, 2022.

² Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-49602237>. Acesso em: 10 de jan. de 2024.

As gírias funcionam como um código secreto entre grupos e só as compreende quem compõe esse círculo. Uma das características das gírias é a restrição, isso pelo teor exclusivo das palavras/expressões, que reforçam o senso de pertencimento e identidade dos membros de certa comunidade. Dentro de um campo social e ideológico as palavras ganham significados e força nas interações entre sujeitos coletivos e únicos, em um diálogo construído durante a comunicação cotidiana e fluida, sem muitas restrições, mas que direta ou indiretamente faz parte do ambiente e mundo do ouvinte e falante:

É na interação que a linguagem se coloca em movimento e provoca ações e respostas em relação à palavra. Se o sentido da palavra é projetado na relação entre os interlocutores e determinado pelos contextos, que podem ser múltiplos e variados, é no embate dialógico entre o processo de escutar e de compreender que se dá a compreensão da fala viva ou vivenciada. (Souza, 2011. p.54)

Durante a pesquisa observamos que as gírias, por seu conteúdo aspirar a exclusividade, quando disseminados para outras redes sociais, mídias ou grupos sociais aparentam “perder” a identificação que certo grupo tem com a palavra, sentindo muitas vezes que essas expressões estão sendo apropriadas de forma indevida. Sabemos que gírias não são apenas vocábulos, palavras soltas ou que apenas estão em alta entre certo grupo social, mas uma maneira de ser e de se comunicar, de se expressar, se ver e ser visto, não só entre aqueles que compartilha pensamentos e essa linguagem, mas também os que estão fora dessa comunidade. Quando essas gírias e expressões furam a bolha, a afinidade enfraquece, pois não é, ou começa a não ser, parte exclusiva de sua bandeira.

Por conta da hibridização das gírias, assim como qualquer prática social e de linguagem, se recombina, se chocam e se mesclam nas mais diversas áreas em nossas vidas. Isso acontece, pois, a hibridização é um fenômeno complexo e contínuo de construção e reformulação de identidades e grupos, de possibilidade de conflitos e alianças que fazem parte do processo de entrecruzamentos culturais e de linguagem (Souza, 2011).

Como docentes, o uso das gírias nos aproxima dos estudantes, sendo objeto para reflexão da linguagem, utilizadas bem como elo de aproximação entre os estudantes e os espaços educativos, isso principalmente porque segundo Berton e Diedrichs (2014, apud Santos e Santos 2019, p.4) “Ao longo das gerações, os adolescentes sempre desenvolveram sua própria linguagem”.

Entendemos que usar essa linguagem é uma forma de resistência e legitimação de identidade de um grupo e que

faz parte do desenvolvimento da autoestima e da confiança dos adolescentes e é fundamental para o senso de identidade e pertencimento deles, pois adolescentes estão tentando encontrar o seu caminho no mundo adulto e sentem-se mais à vontade, quando desenvolvem relações entre pares (Santos e Santos, 2019, p.4)

Percebe-se que essa unidade de linguagem não é só uma porta de entrada para incentivar a busca do autoconhecimento, mas também propõe reflexões sobre o preconceito linguístico e empoderamento, pois

Observa-se que as gírias, bem como outros códigos linguísticos, estão muito presentes no dia a dia da sociedade, daí a importância de se trabalhar tanto o aspecto formal da língua (norma padrão) como também o aspecto informal (as variedades) em sala de aula, como uma das formas de facilitar a interação professor-aluno.” (Araújo, Souza, 2016, p.3).

Devemos repensar a prática social das gírias, estando dentro e/ou fora dos ambientes escolares, em contextos sociais e culturais diversos, como um possível agente de letramentos e como podem contribuir no desenvolvimento e engajamento em práticas sociais de usos da linguagem, as gírias também têm um caminho de entrecruzamentos na linguagem, identidades e culturas, em que fenômenos como negociações, elaborações e reelaborações acontecem em relação aos lugares por onde os sujeitos sócio históricos circulam e com quem esses sujeitos se comunicam. É dentro desse cenário de disputa por ideias e sentidos que, os que estão à margem, encontram brechas para ganhar mais espaço na sociedade, mesmo em meio a um jogo de poder e de projetos de homogeneização da cultura (Souza, 2011).

4. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para o presente tema foi feito um estudo de caso juntamente com uma pesquisa qualitativa baseada em autores que trazem conceitos importantes sobre Língua e Linguagem, Vozes do Sul, Linguística Aplicada, Linguística de Corpus (Rajagopalan, 2006) e Gírias. Para realização da pesquisa buscou-se apoio teórico em diversas fontes trabalhadas, sendo elas leitura, análise de artigos e documentos que tratam do tema proposto.

O estudo de caso, com caráter qualitativo, foi realizado com uma turma de estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental II, em uma escola Estadual Militar de Alagoas. A pesquisa se fundamenta numa perspectiva que entende o conhecimento “como um processo socialmente construído pelos sujeitos nas suas interações cotidianas, enquanto atuam na realidade, transformando-a e sendo por ela transformados”. (André, 2013, p.97)

O estudo de caso se justifica nessa pesquisa, pois conforme André (2013) ele permite um aprofundamento maior, pois damos novos significados às experiências cotidianas dos estudantes, na linguagem, produções culturais e interações sociais, que devem ser o centro de preocupação dos pesquisadores. E se “a visão de realidade é construída pelos sujeitos, nas interações sociais vivenciadas em seu ambiente de trabalho, de lazer, na família, torna-se fundamental uma aproximação do pesquisador a essas situações” (André, 2013, p.97).

Para a realização dessa área de estudo, o pesquisador necessita de habilidade para fazer perguntas e interpretar os resultados; para ouvir; para adaptar-se e ser flexível, entendendo que um caso particular deve considerar seu contexto e profundidade. Neste procedimento metodológico foi realizado um questionário de caracterização da turma, com o objetivo de conhecer melhor os estudantes, a elaboração de um *brainstorming* e aplicação de questionário em forma de Google Formulário, visando conhecer as suas experiências com as redes sociais e sua interação por meio das gírias.

Os passos para a reflexão do conhecimento proposto nesta pesquisa foram: 1. Fazer um levantamento bibliográfico acerca do tema da pesquisa; 2. Leitura do material escolhido e organização dos dados; 3. Realização do *brainstorming*; 4. Aplicação de um questionário em formato de *Google Forms* encaminhado pelo *WhatsApp* 5. Discussão e confronto dos dados coletados e 6. Organização das análises e dos dados em redação.

Sobre o estudo exploratório Triviños (1987) defende que o pesquisador parte de uma questão norteadora, (hoje nós diríamos suleadora) e aprofunda seu estudo nos limites de uma realidade específica, com o propósito de buscar antecedentes para, em seguida, planejar a ação. Ele ainda ressalta que o estudo exploratório, por mais simples que aparente, requer um tratamento científico, revisão de literatura e uma postura de pesquisador científico.

4.1 Abordagem da Pesquisa

Busca-se na presente pesquisa um método de caráter qualitativo no sentido de que ela permite uma maior aproximação com o sujeito dentro da sua realidade. Assim proporciona uma visão mais próxima da realidade investigada. Para Godoy (1995) um fenômeno:

pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando ‘captar’ o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno (Godoy, 1995, p.21).

Compreendemos a pesquisa qualitativa como um fenômeno que é tecido junto com a participação das pesquisadoras e dos demais participantes da pesquisa: os/as estudantes, professores e outros envolvidos no ambiente escolar.

A escola-campo que estagiamos, é conhecida por sua intransigência e uma metodologia de ensino autoritária, o que foi desafiador para nós, houve muitos altos e baixos, contratempos, objeções, mas também muitas surpresas agradáveis. Apesar de ser uma escola rígida e de termos que enfrentar muitas situações conflituosas (como injúrias raciais, abuso de poder e outras situações delicadas), foi uma jornada com muitas trocas e conhecimento, em que pudemos vivenciar e construir, com a turma, uma sala de aula livre, ou o mais livre possível, para se expressarem e serem agentes junto conosco.

Pela escola ter um caráter mais tradicional (apenas aula expositiva e correção das atividades do livro didático), optamos por majoritariamente trabalharmos com aulas mais dinâmicas e que instigasse a participação da turma, aproximando a matéria do cotidiano dos estudantes.

4.2 Participantes Envolvidos

A presente pesquisa foi realizada com estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental, de uma escola militar de Maceió, no período vespertino. A turma é composta por 25 estudantes³ na faixa etária de 13 a 14 anos, durante o período de 4 meses, setembro a dezembro de 2022.

Nosso planejamento inicial contava com uma entrevista com os estudantes durante o intervalo das aulas, uma vez que é nesse momento que a interação dos estudantes se dá sem a formalidade da sala de aula, porém isso não foi possível por conta do tempo e imprevistos com o calendário da escola campo, apesar disso, conseguimos ter um contato mais próximo com a turma durante a assistência com o projeto do “Dia D” (projeto de leitura promovido pela professora de Língua Portuguesa da escola) e durante o horário de recreio, ou aulas vagas, tirando dúvidas e perguntando mais sobre eles/as e a escola, a relação com as redes sociais e o que anseiam para futuro deles.

Por isso elaboramos um questionário em formato de formulário on-line, que foi disponibilizado por meio de *link* compartilhado no *WhatsApp* para a xerife⁴ da turma, utilizamos outro recurso para *brainstorming*, painel de cartolina com post it, adaptação feita devido à ausência de recursos digitais (Notebook e Projetor). Nosso intuito não foi uma pesquisa apenas sobre esses estudantes, mas construída com esses estudantes, com o lugar de fala deles e experiências individuais; pois defendemos a pesquisa a partir do ponto de vista de construção coletiva, e por serem adolescentes, prezamos pela reflexão que leva ao autoconhecimento e emancipação.

³ Nesse trabalho aparecem como dados para análise/interpretação apenas as produções dos estudantes que assinaram o TCLE.

⁴ O aluno-xerife de turma é responsável pela disciplina de sua turma em todas as ocasiões. Dentre suas funções estão: zelar pela ordem e limpeza da sala de aula, fazer com que o pelotão compareça pontualmente às atividades, tomar nota dos alunos que se atrasarem ou faltarem às aulas, executar o ato de apresentação militar do pelotão ao professor, dentre outras.

5. INTERPRETAÇÃO DAS PRODUÇÕES

A coleta de dados foi realizada inicialmente por meio da observação das rodas de conversa entre os estudantes fora da sala de aula; questionário de caracterização dos estudantes; fomentação do *brainstorming*; aplicação de questionário on-line sobre gírias e redes sociais e produção dos estudantes. A partir desses dados coletados faremos as análises/interpretações com subsídio nos conceitos de Letramentos (Kleiman, 2006 e Souza, 2011), Vozes do Sul (Moita Lopes, 2006), Língua/Linguagem (Bakhtin, 2016).

5.1 Produções de tirinhas, memes e quadrinhos

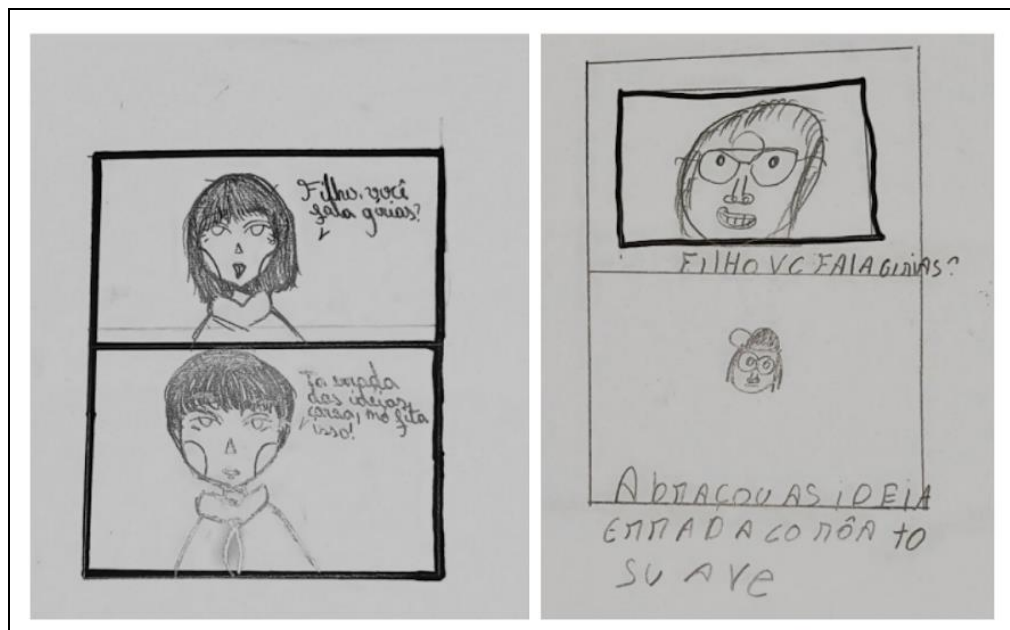
As primeiras produções selecionadas para esse trabalho são dois memes⁵ solicitados com base no tema “Variação linguística⁶”, proposto como introdutório ao tema “gírias”. Essa atividade foi solicitada em nossa regência, depois de dialogarmos e refletirmos sobre a variação linguística por meio do texto “Assaltantes⁷”, bem como, de tirinhas e charges impressas que tratavam do mesmo tema.

Analisamos, especialmente à luz dos letramentos, que há uma expectativa dos pais/responsáveis que seja ensinado em sala e nas escolas apenas o que é dito a norma padrão e culta, excluindo a diversidade da língua, sua fluidez e adaptação em opostas situações e contextos. Não compreendendo que para além das habilidades de ler e escrever, os letramentos são “um conjunto de práticas sociais, cujos modos específicos de funcionamento têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidade e de poder” (Kleiman apud Souza, 2011, p.35).

⁵ "Memes são imagens, vídeos e até áudios que viralizam na internet. São mais conhecidos pela sua utilização como piadas, mas também podem ser utilizados em campanhas publicitárias, forma de linguagem e até nas divulgações de marcas e serviços na internet." Disponível em: <https://brasile scola.uol.com.br/curiosidades/memes.htm>

⁶ Esse tema foi solicitado nas turmas de 7º ano pela escola que estagiamos, então trabalhamos esse assunto à luz da LA

⁷ Em anexos



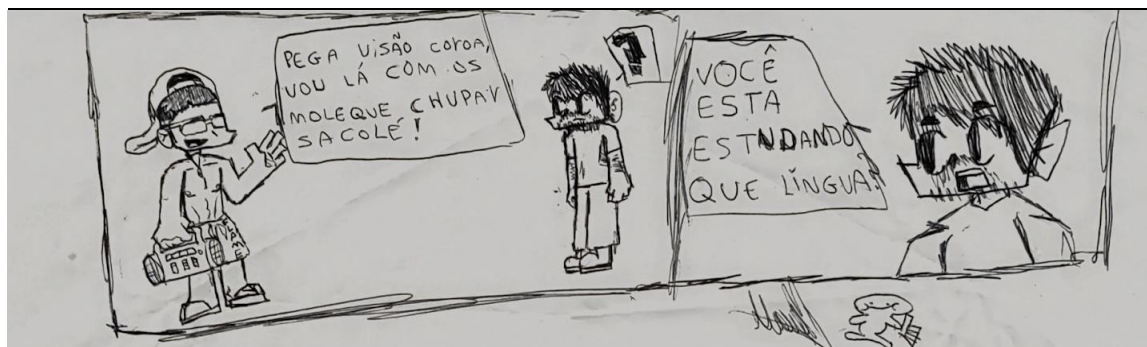
Letramentos e gírias - das redes sociais para sala de aula. Bia e Rafaela⁸, 2022.

Os dois memes dialogam entre si, pois em ambos observamos diálogos entre pais e filhos sobre o uso das gírias. As estudantes que produziram esses memes apresentam, pais questionando os seus filhos sobre o uso de gírias, um possível conflito entre gerações que experimentam as variações que a língua sofre por ser viva como argumenta Lima; “Concepções de Língua e linguagem também não são cristalizadas. Muitas mudam de acordo com o tempo, com a sociedade em que se vive ou até com experiências pessoais de estudo da Língua” (Lima, 2015, p.22).

No meme nº 1 a estudante mostra uma mãe questionando o seu filho: “Filho você fala gírias?” E o filho responde: “Tá errada das ideias corôa, mó fita isso!”. Já no meme nº 2 é o pai que pergunta ao filho: “Filho vc fala gírias?” e o filho responde: “Abraçou as ideia errada corôa to suave”.

Em ambos os quadros podemos ver que o questionamento dos pais é respondido pelos filhos exatamente com o uso de gírias. Outra observação importante é que essa pergunta sempre parece ser feita com um tom de reprovação, como se “falar gíria” fosse constrangedor ou passível de recriminação.

⁸ Todos os nomes são fictícios para preservar as identidades dos/as estudantes.



Letramentos e gírias - das redes sociais para sala de aula. Theo, 2022.

Nessa tirinha o estudante retrata o diálogo entre pai e filho, no primeiro quadrinho podemos observar que o personagem de óculos e sem camisa está com uma caixa de som na mão, boné para trás, sandália e calção escrito “Flamengo”. O mais jovem começa a conversa dizendo “Pega a visão coroa, vou lá com os moleque chupar sacolé!”, já o pai, com vestimentas totalmente distintas, tem uma expressão de descontentamento e parece contrariado; em seguida vemos a pergunta: “Você está estudando que língua?”. Interessante essa fala, pois além de observarmos esse afastamento entre gerações, que causa dúvida no mais velho, a pergunta retórica “Você está estudando que língua?” também expõe uma certa discriminação e até mesmo ignorância ao não assimilar os estudos com as gírias.

Percebemos que o cenário “pais e filhos “ se repete nas produções dos estudantes, uma vez que, dentro dessa faixa etária a maior interação e convivência deles se dá com os pais e amigos. Há possivelmente uma preocupação com o posicionamento dos pais acerca desse modo “diferente” de falar, se é bem recebido ou não, o que reflete na repetição do contexto em várias produções.



Letramentos e gírias - das redes sociais para sala de aula. Bruna, 2022.

Nessa produção podemos observar a mudança na fala da personagem principal que se adequa dependendo do contexto e ambiente em que se encontra, inclusive das pessoas com quem dialoga. No primeiro quadro vemos a garota “em casa” que pergunta para a mãe: “Mãe, a **senhora** deixaria que eu fosse ao parque brincar com as minhas amigas?” E sua mãe responde: “Certo, minha filha... mas não demore muito, daqui a pouco a senhorita tem aula!”

No segundo quadrinho intitulado “com os amigos” a garota cumprimenta as amigas: “oi, **povo!** Cheguei!!! “Vcs tão ligadas que tão gatas né? ” Uma das amigas responde: “Mano... cês viram o babado? ” A outra responde: “Não! Me conta boy. ” “Oxente boy!

A estudante destaca com precisão as “diversas formas de se expressar em um mesmo idioma”, a frase por si só já aparenta a compreensão de língua que ela tem e indiretamente expondo o que os/as falantes, quando letrados com consciência da língua, fazem em diferentes situações e grupos que permeiam, evidenciando que “(...) fora da escola, existem situações outras — ainda que nem sempre reconhecidas ou autorizadas — que se realizam nas mais diversas esferas de atividade: a casa, a rua, o trabalho, a religiosidade” (Souza, 2011, p.36).

5.2 Produções Oraís – Debate

Nessa parte do trabalho, trazemos alguns trechos das gravações⁹ feitas durante o debate realizado em sala de aula, onde os/as estudantes apresentaram suas reflexões sobre a Norma Culta e a Variação Linguística. A turma foi dividida em dois grupos onde um grupo pesquisou sobre “Variação Linguística” e o outro sobre “Norma Culta” e ambos deveriam defender as suas ideias.

Destacamos o fato de que ao se referir à variação linguística, os estudantes sempre associavam às gírias:

Ana: [...] a variação linguística né', ela é usada no nosso dia a dia, 'na nossa' gírias ela deixa como se a gente estivesse mais vivo, que a pessoa tivesse em si próprio singularidades, sabe?! [...] As duas para mim, assim, as duas precisam uma da outra, nem uma tá' errada e nem outra tá' correta.

A estudante destaca como as gírias são/fazem parte da identidade de quem fala, pois demonstra a singularidade do indivíduo por intermédio da língua, deixando os discursos mais vivos e, inconscientemente, também politizados, pois identidade é um discurso ideológico por si só. As gírias tornam os/as falantes mais vivos e menos engessados, assim como a língua que está sempre em constantes mudanças e

Ao se pensar em língua viva, não podemos negligenciar o papel do contexto social onde o aluno está inserido. Como ele se coloca diante do mundo em que vive e mais importante ainda, que relações ele faz entre o seu contexto de mundo e aqueles que são exteriores a ele? (Batinga Agra, 2018. p.48).

Esses questionamentos são fundamentais na docência. Nós professoras de línguas, especificamente de língua portuguesa, devemos estar atentas ao contexto social de nossos estudantes e mostrar que estudar a língua é estudá-la como língua em uso, a língua/linguagem do dia-a-dia.

Ana ainda acrescenta que “[...] Não existe assim uma maneira correta de falar necessariamente, existe cultura, identidade e singularidade. Porque as gírias, elas vêm a partir ‘de’ história e traz o que você é, não deixa todo mundo ser uma pessoa só”. Além de reforçar a ideia de identidade e singularidade já defendida em seu outro argumento, a estudante também ressalta que gírias são cultura e são parte da nossa história. É

⁹ Transcrição do áudio do debate na íntegra anexado no apêndice.

importante considerar, dentro e fora da sala de aula, as vivências, histórias de vida, culturas diversas e não permitir seus apagamentos, que levam à homogeneização da educação (Silva, 2016).

O estudante Beto apresenta uma justificativa para o uso da norma culta sendo importante para se fazer “entendido”, ou seja, que segundo o estudante, para sua fala ou escrita ser bem compreendida é importante o uso da norma culta. Já ao se referir a variação linguística ele aponta que o uso das gírias não deve ser descartado:

***Beto:** [...] existe a variação linguística? Existe! mas, a linguagem formal, ela é mais utilizada, tipo ' quando você for entender alguma coisa, crescer... Você pode usar a gíria? Pode! Mas existem algumas situações, como por exemplo... as provas, assim, que você vai ter que usar a linguagem formal para a pessoa entender.*

Compreende-se assim a fala de Silva (2016, p.121) “Desse modo, esse aluno não apenas reproduz normas de uma língua, mas reflete, crítica e assume posturas que o levem a atuar no mundo dessa língua e de diversas maneiras”. Há, portanto, uma postura crítica e reflexiva desse estudante quando compreende que a linguagem deve se adequar ao contexto. Essa postura se repete na fala de outra estudante:

***Isa:** É... a gente tem que entender que a norma culta todo mundo aprende, todo mundo entende, sendo que a variação linguística ela é muito mais utilizada porque é um jeito de falar diferente, cada um fala do seu jeito, [inaudível]... aspectos sociais assim..*

Em outro momento Isa traz uma reflexão muito pertinente acerca da postura docente, como ela é vista pelos estudantes:

***Isa:** É... e a norma culta ela é indispensável, quanto a variação linguística, porque ela aponta caminhos que devem ser estudados na escola, para que assim todos tenham suas diferentes formas de pensar a língua. Então o que quer dizer que a professora de português ela ensina a norma culta, porque a norma culta é a gramática. Então todo mundo tem que ter essa base, até chegar na variação linguística.*

Há um entendimento por parte da estudante de que a norma culta é apenas o ensino da gramática normativa, sendo essa a função da professora de “Português” o que se contrapõe a reflexão de Batinga Agra (2018) sobre o ensino na contemporaneidade:

Observamos que a palavra que mais se repetiu foi “Gírias”, o que nos levou de certo modo a perceber o quanto ela estava ligada a compreensão de variação linguística por parte dos estudantes. Embora essa tenha sido a palavra destaque, uma outra nos atraiu mais a atenção, ao lermos as palavras em voz alta surge a gíria “*Aí dento*”, que logo foi recriminada pela professora. Indignada ela disse que quem colocasse essa gíria iria ser encaminhado para a sala do CA (Corpo de Alunos), onde receberia uma punição.

O discurso, produto de interações sociais, não reflete apenas o pensamento daquele que o anuncia, mas também as vozes interiores que dialogam com o enunciador. Essas vozes interiores podem revelar ideologias diferentes, contraditórias, conflitantes, mas que, muitas vezes, podem estar presentes no discurso do falante. (Batinga Agra, 2018, p.32)

Vimos claramente o conflito, ou a contradição descrita por Agra (2018), quando lemos as palavras da nuvem, mais precisamente a gíria “*Aí dento*” escrita pelo estudante. Segundo a professora, essa gíria tem cunho sexual e não deveria ser dita em sala de aula. Concluímos que essa não foi a primeira vez que usaram tal termo, pois a professora já deduziu que houvesse essa palavra, antes que lêssemos o quadro.

Os estudantes não viam problemas em falar ou escrever o termo censurado pela professora, ainda que causasse um desconforto entre eles. “De forma sucinta, o Desentendimento se dá por conta da diversidade de sentidos que damos aos discursos. Essa pluralidade acontece por conta das ideologias que constituem os interlocutores” (Lima, 2020, p.86). Embora tenha havido uma certa intimidação por parte da docente, os/as discentes não se deixaram inibir, fazendo o uso contínuo da gíria quando distantes dela. Realmente com o passar dos dias de estágio observamos que é muito utilizada no dia a dia deles, tanto em sala de aula quanto fora dela, nos momentos de recreio ou da saída.

5.4 Questionário

O questionário respondido pela turma contava com 14 perguntas, sendo 12 abertas e 2 fechadas, de 25 estudantes apenas 14 responderam ao material e só 8, dos que responderam, eram autorizados a participar da pesquisa, por terem assinado o TCLE. A partir das perguntas mais pertinentes foram feitas as seguintes análises:

- Pergunta 7: **“Você também utiliza essas gírias? Com que frequência?”**

Quanto ao uso das gírias, apenas um dos estudantes alega não “utilizar” gírias com frequência, mas destacamos a resposta do estudante Beto: “Sim, tem algumas que não entendo, mas utilizo com frequência”.

Com isso percebe-se o senso e a busca pelo pertencimento em certos grupos sociais, mesmo não sabendo/entendendo o que significa aquela palavra, ainda há a busca por uma aceitação do círculo social onde o estudante está inserido. A língua tem um forte vínculo de poder, tempo, espaço e afetividade, em que, no campo aplicado, o falante investe social, cultural, política e emocionalmente com ela e todas as relações que permeia (Signorini, 2006).

- Pergunta 9: **“Você também utiliza essas gírias fora da internet? Se não, porquê? Se sim, com quem?”**

Utilizar as gírias fora da internet foi uma questão latente em nossa pesquisa e que deixou claro nosso objeto de estudo, o uso das gírias no cotidiano, inclusive na escola. Observamos que 75% dos estudantes afirmaram sempre falar gírias, especialmente com os amigos. Uma resposta em específico relata não falar gírias, pois para ela “não fica claro para outras pessoas”. O que reforça a ideia de relações afetivas e identidade com semelhantes por intermédio da língua. Com isso as relações dialógicas de reexistência em que: “Todo uso da palavra envolve ação humana em relação a alguém, em um contexto interacional específico no qual ocorre a busca pela apropriação, a batalha pelas palavras e seus sentidos, a disputa por identidades sociais” (Souza, 2011. p.55).

- Pergunta 12: **“Já foi repreendido (a) ou julgado (a) por falar gírias?”**

Foi interessante a devolutiva que tivemos da turma em relação a essa pergunta, pois por se tratar de uma escola com esse perfil militar e tradicional, ficamos admiradas quando os estudantes afirmaram não ter sido julgados por usar gírias, tendo apenas dois dos estudantes respondendo o contrário. No entanto, nós presenciávamos essa repreensão dentro da sala de aula em diversas ocasiões e esfera, em que a docente recriminava os estudantes de maneira autoritária. Acreditamos que, talvez, não houveram relatos sobre

esses acontecimentos por não termos especificado o lugar dessa repreensão, ou os/as estudantes não compreenderam aquele momento como um julgamento.

- Pergunta 13: **“Você acha que as gírias te aproximam das pessoas?”**

Ao serem questionadas sobre o fato das gírias serem usadas para os aproximarem de outras pessoas, os estudantes em sua maioria disseram que sim, dentre todos, destacamos dois exemplos:

Estudante Bete: *“Sim, porque a conversa fica mais informal e mais íntima”.*

Estudante Isa: *“Acho, pois é como se a pessoa se identificasse com a outra e a entendesse. Fazendo com que se aproximem mais”.*

Ambas respostas demonstram como as gírias são vistas por esses estudantes como meio de serem “entendidos”, uma forma de “identificação” com o outro.

Uma das dimensões importantes do processo de constituição identitária está em entender o discurso como forma de ação social, por meio da qual as pessoas, em interação, agem umas em relação às outras, conforme pode ser visto nas formulações de Bakhtin e seu Círculo (Souza, 2011. p.53)

Bakhtin enfatiza a importância do diálogo e da interação social na construção do significado, uma vez que o significado não é determinado apenas pela linguagem em si, mas emerge nas interações sociais entre as pessoas.

- Pergunta 14: **“Você acha que seja necessário/importante trabalhar gírias nas escolas?”**

A maioria dos estudantes concorda com trabalhar as gírias na escola, principalmente de modo a compreender quando usá-las ou não.

Destacamos uma opinião contrária, uma vez que, a estudante apresenta muitos argumentos para não as usar dentro do ambiente escolar. A estudante Isa responde que:

“Honestamente, não. É algo usado no cotidiano? Sim, mas as gírias de hoje em dia boa parte parece apenas quererem demonstrar que são fortes e orgulhosos, outras tem coisas

sexuais, e outras apenas são piadas. Já são aprendidas normalmente na internet, não acho que deve ser trazido em termos de educação e pedagogia”.

Pontos muito interessantes que podem ser respondidos à luz da LA; as gírias constituem parte da identidade dos indivíduos e de suas histórias, mas também são marginalizadas, hostilizadas, discriminadas dentro e fora do ambiente escolar, sendo essencial trazermos para o centro das discussões e reflexões esses assuntos, dando visibilidade à essas questões que permeiam tantas minorias, identidades e gênero. Estudar gírias colabora com a agenda anti hegemônica da língua, que é de suma importância dentro da sala de aula, além de tudo, teorizar e fazer LA surge da “necessidade de repensar como e onde as pessoas vivem e agem, considerando a compreensão das mudanças relacionadas à vida sociocultural, política e histórica que elas experienciam” (Moita Lopes, 2006, p. 21).

Ou seja, indo além do sentido lexical da palavra, mas compreendendo a dimensão social, linguística, o que ela representa na sociedade e identidade de cada um, dando novos significados para o que são as gírias e enxergá-las à luz da função social dela.

6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Diante de tudo que foi apresentado e debatido nesta pesquisa, foi possível perceber que as “gírias”, objeto desse estudo, fazem parte da formação identitária dos estudantes participantes, uma vez que, nesse contexto, a ideia é que as pessoas construam suas identidades não apenas individualmente, mas através de interações sociais e discursivas. O discurso, que pode incluir conversas, narrativas, linguagem escrita e outros meios de comunicação, torna-se uma ferramenta crucial nesse processo. Os sujeitos negociam e articulam suas identidades em resposta às interações sociais, incorporando elementos do discurso que são significativos para eles.

Além disso, apesar de termos uma visão diferente, não questionamos a escola em si, pois sabemos que faz parte de uma concepção social que está em constante mudança e desconstrução, mesmo tendo um caráter mais tradicional e expositivo, nossas críticas e questionamentos são em como a escola (instituição) se relaciona com as multiplicidades em seus mais diversos contextos, que nós professores/as olhemos para essas temáticas marginalizadas e fora da sala de aula, que também constituem os ambientes escolares, com mais atenção, levando para a turma assuntos que trazem identificação, criticidade e um sentimento urgente de mudança, contemplando as multifacetadas dos estudantes e construindo um maior senso crítico, de identidade e alteridade, enxergando a si mesmos/as e também o outro.

Consideramos importante a reflexão a respeito do entendimento e da incorporação de gírias no ambiente escolar, em como podem contribuir para uma maior inclusão social, pois permitem que os alunos compreendam e se comuniquem de maneira mais eficaz com diferentes grupos sociais e ao incorporar gírias no ensino, no dia a dia escolar, desafia-se a noção de uma língua padrão como única forma "correta" de se comunicar e possibilita um maior engajamento dos discentes, tornando o processo de aprendizado mais dinâmico e atraente.

É pertinente enfatizar que compreendemos que a Linguística Aplicada, neste contexto, busca uma prática reflexiva dos conhecimentos linguísticos em situações do mundo real, incluindo o ambiente sociocultural dos discentes. Isso é particularmente relevante para entender as mudanças linguísticas e sociais que ocorrem ao longo do tempo.

Quanto ao tema escolhido, houve um despertar de nossa parte em relação às gírias, que não havíamos percebido até o início da pesquisa e que fomos nos encontrando e nos enxergando em diversos momentos, juntamente com os estudantes participantes, que foram os/as responsáveis por nos guiar para dentro da vivência deles, permitindo uma aproximação e um contato genuíno com o assunto.

Na turma participante da pesquisa percebemos um grande interesse em relação ao tema abordado. Como esse assunto nunca tinha sido tratado com mais profundidade e zelo, ouvindo a voz deles/as, o que sempre foi nosso principal objetivo, pois desde o início, antes mesmo de entrarmos em sala de aula e em contato com a turma, nossa intenção sempre foi a construção de um ambiente educacional mais inclusivo, onde todas as formas de expressão são respeitadas e valorizadas.

Concluimos, parcialmente, que ainda há muito a se refletir sobre o uso das gírias na linguagem, especialmente no contexto educacional, e que enquanto futuras docentes de Língua Portuguesa, educadoras/agentes de letramentos precisamos considerar esse tema como sendo um tópico significativo nos estudos linguísticos modernos e destacamos a importância de considerar o papel das gírias no ensino, sem comprometer a norma padrão e abordando preconceitos linguísticos.

Esperamos, como possíveis encaminhamentos dessa pesquisa estimular o estudo das gírias no contexto educacional que pode ser uma abordagem eficaz para promover uma educação linguística mais inclusiva e consciente, sem comprometer a multiplicidade da língua. Isso contribui para a formação de estudantes capazes de se comunicar efetivamente em uma variedade de situações linguísticas, além de ajudar a superar estigmas associados a diferentes formas de expressão linguística e de instigar a desconstrução da agenda hegemônica nos/as estudantes.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. E. D. A. . O que é um Estudo de Caso Qualitativo em Educação? **Revista da FAEEDBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013.
- ARAÚJO, Gisele Santos. SOUSA, Marcus Roberto de Araújo GÍRIAS, CÓDIGOS LINGÜÍSTICOS COMO AFIRMAÇÃO E IDENTIDADE DE UM GRUPO: UMA ANÁLISE E REFLEXÃO DA POSSIBILIDADE DE USO NO ENSINO E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Revista Científica Semana Acadêmica**. Fortaleza, ano MMXVI, Nº. 000081, 04/03/2016.
Disponível em: <https://semanaacademica.org.br/artigo/girias-codigos-linguisticos-como-afirmacao-e-identidade-de-um-grupo-uma-analise-e-reflexao-da>. Acesso em: 25 de maio de 2021
- BATINGA AGRA, C.; IFA, S. Ensino de Inglês para crianças nas séries iniciais do ensino público à luz dos multiletramentos. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 34, n. 1, p. 28–47, 2018. DOI: 10.14393/LL63-v34n1a2018-2. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/39036>. Acesso em: 28 dez. 2023.
- BATINGA AGRA, C. **Que Língua é essa que queremos ensinar?** – Reflexões sobre conceitos de Língua em um curso de formação de professores de Língua Inglesa. *Leitura*, [S. l.], v. 2, n. 61, p. 43–58, 2018. DOI: 10.28998/2317-9945.201861.43-58. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/4271>. Acesso em: 28 dez. 2023.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Bezerra, Paulo. Notas da edição russa: Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016. 164p.
- FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem: Redescrições em curso IN:MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p.45-63.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, coordenação de edição Marina Baird Ferreira. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010. p. 379.
- FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Centro de Documentação e Disseminação de Informações. **Normas de apresentação tabular**. 3. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1993. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv23907.pdf>. Acesso em: 27 maio 2021.
- GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. Fundação Getúlio Vargas, Escola de Administração de Empresas de S.Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/20595>.

KLEIMAN, Ângela. Processos identitários na formação profissional. O professor como agente de letramento. In CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves & BOCH, Françoise (Org). **Ensino de língua, representação e letramento**. Campinas – São Paulo: Mercado de Letras, 2006, p. 75-91.

LIMA, Josenice Cláudia Moura de. **Gêneros como construções identitárias nas aulas de Língua Inglesa do Ensino Médio: um estudo sobre letramento crítico**. 2015. 160 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2015.

LIMA, Josenice Cláudia Moura de. **Perspectivas dialógicas e decoloniais sobre identidade e formação docente no ensino-aprendizagem de língua inglesa: um estudo autoetnográfico**. 2020. 141 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, 2020.

MOITA LOPES, L. P. Linguística Aplicada e a Vida Contemporânea: Problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p.85-105.

PATRIOTA, L. M. A **gíria comum na interação em sala de aula**. São Paulo: Cortez, 2009.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poésis** – Volume 3, número 3 e 4, pp 5-24, 2005/2006

PRETI, D. Dicionários de gíria. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 44, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4199>. Acesso em: 21 jun. 2022.

RAJAGOPALAN, KANAVILLIL. Repensar o papel da Linguística Aplicada. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p.149-166.

SANTOS, Gleyson Silva dos. SANTOS, Rosilda Maria Araújo Silva dos. **GÍRIAS: UM ESTUDO LINGUÍSTICO SOBRE EXPRESSÕES POPULARES**. In: Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa (SIMELP), VII, 2019, Porto de Galinhas. **Anais**. Porto de Galinhas:2019. p. 2807 – 2814. Disponível em: <http://sites-mitte.com.br/anais/simelp/resumos/PDF-trab-3596-1.pdf>

SIGNORINI, Ines. Letramento e (in)Flexibilidade Comunicativa. In: KLEIMAN, Ângela. (Org.) **Os Significados do Letramento: Uma Nova Perspectiva Sobre a Prática Social da Escrita**. Mercado de Letras, 2012. p. 161-199.

SIGNORINI, Ines. A Questão da Língua Legítima na Sociedade Democrática. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p.169-190.

SILVA, Poliana PIMENTEL. O humor como elemento educacional para produções situadas de sentido em LI: uma proposta de estudo em uma escola pública no litoral de

Alagoas. **Revista Intercâmbio**, v. XXXII: 119-140, 2016. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de Reexistência: poesia, grafite, música, dança: Hip-hop**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

TRIVINOS, A. W. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Trad., notas e glossário Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE A – CARACTERIZAÇÃO DA TURMA

QUESTIONÁRIO 1



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
Instituto Federal de Alagoas
Campus Maceió
Coordenação das Licenciaturas

QUESTIONÁRIO PARA CONSTRUÇÃO DO PERFIL DA TURMA DO ESTÁGIO

ESCOLA-CAMPO DE ESTÁGIO:		
TURMA:	TURNO:	Nº DE
ALUNOS/AS:		
ALUNO/A-ESTAGIÁRIO/A:		
PROFESSOR/A-SUPERVISOR/A:		

Caro/a estudante,

Este questionário tem por objetivo coletar informações necessárias para a compreensão acerca de quem são os/as estudantes da turma com a qual trabalharemos como estagiário/a. Assim, solicito o seu apoio no sentido de responder às questões abaixo.

1. Gênero:

() masculino () feminino () outro

2. Faixa etária:

- menos de 15 anos 15 a 17 anos 18 a 24 anos
 25 a 29 anos mais de 29 anos

3. Cor da pele:

- negra parda branca

4. Em que bairro você mora:

5. Como você se desloca até a escola?

- Ônibus Carro A pé Outros _____

6. Você se considera disciplinado e dedicado aos estudos?

- Sim Não Às vezes

7. Conseguiu cumprir o prazo para entrega das atividades propostas?

- Sim Não Às vezes

8. Você realiza as atividades com a ajuda de alguém?

- Sim _____ Não

9. Você realiza alguma outra atividade no contraturno da escola (Manhã)? Se sim, qual?

() Sim, _____ () Não

10. Você consegue aplicar os conhecimentos da disciplina de Língua Portuguesa em situações do seu dia a dia? Dê um exemplo:

11. Qual a importância do estudo para a sua vida?

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO SOBRE GÍRIAS

Gírias Questionário

Gírias do Twitter

Como acontece a criação das gírias na rede social Twitter? O que acontece com essas gírias ao sair do virtual para o ambiente educacional? Qual a importância de conhecer e utilizar as gírias e expressões idiomáticas para o fazer docente?

Este questionário faz parte da pesquisa sobre o fenômeno das gírias nas redes sociais, mais precisamente no Twitter, elaborado para obter informações que irão compor o projeto de pesquisa das estudantes do curso de Letras (Português), do IFAL, Cristiane Paranhos e Kezia Souza. Os dados coletados são educacionais e serão mantidos anônimos e privados. Não há resposta correta ou incorreta para quaisquer perguntas. Você tem garantido seu direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão. Seus dados de identificação serão mantidos em sigilo e as informações desta pesquisa serão divulgados em eventos e/ou publicações científicas.

Ao submeter uma resposta, entende-se que o participante está de acordo com o termo descrito acima, podendo ainda assim optar por deixar de participar e ter suas informações removidas da coletânea de dados.

Agradecemos pelo seu interesse em participar desta pesquisa. ´

Nome:

Idade:

1. Quais as redes sociais que você costuma acessar?
2. Com que intuito você utiliza a rede social?
3. Quantos minutos/horas você fica conectado/a à internet?
() 30 min () De até 1-2 hrs () De 3-4 hrs () De 5-6 hrs () Mais de 6 hrs
4. Cite algumas gírias que você conhece das redes sociais
5. Você usa o *Twitter*?
6. Neste momento, você saberia dizer se há alguma gíria em alta? Qual?
7. Você também utiliza essas gírias? Com que frequência?
8. Quem você normalmente segue? Conhecidos? Famosos? Desconhecidos? Fandom?
9. Você também utiliza essas gírias fora da internet? Se não, por quê? Se sim, com quem?
10. As pessoas com quem você conversa por meio de gírias costumam te compreender?
11. Você já disse alguma gíria em uma conversa e não foi compreendido(a)? Em que situação?
12. Já foi repreendido(a) ou julgado(a) por falar gírias?
13. Você acha que as gírias te aproximam das pessoas?
14. Você acha que seja necessário/importante trabalhar gírias nas escolas?

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DO DEBATE

Transcrição das gravações feitas durante o debate realizado em sala de aula, onde os/as estudantes apresentaram suas reflexões sobre a Norma Culta e a Variação Linguística. A turma foi dividida em dois grupos, onde um grupo pesquisou sobre “Variação Linguística” e o outro sobre “Norma Culta” e ambos deveriam defender as suas ideias.

Pesquisadora: O que vocês pesquisaram e trouxeram sobre os dois temas?

Estudante Ana: - Apesar de ser diferentes sendo sendo apostas porque uma segue um padrão e outra é mais variada, elas se complementam, porque pelo que eu vi a norma culta é usada em: redações textos para que seja facilitado uma letra formal

Porém, a variação linguística né ela é usada no nosso dia a dia na nossa gírias ela deixa como se a gente estivesse mais vivo, que a pessoa tivesse em si próprio singularidades sabe. [...] as duas para mim assim, as duas precisam uma da outra, nem uma tá errada e nem outra tá correta.

Pesquisadora: - Quem preparou ou leu alguma coisa sobre a norma culta?

Estudante João: - [...] A gente pode usar muitas vezes as gírias em alguma coisa, mas a linguagem formal ou a norma culta ela também pode ser utilizada para fazer redação e tipo nas faculdades assim quando você vai fazer algum mestrado, algum doutorado, você sempre vai ter que usar essa linguagem existe a variação linguística existe, mas a linguagem formal ela é mais utilizada, tipo, quando você for entender alguma coisa, crescer.

Você pode usar a gíria? Pode! Mas existem algumas situações, como por exemplo as provas, assim, que você vai ter que usar a linguagem formal para a pessoa entender.

Pesquisadora: - Quem pensou um pouco sobre a sobre variação linguística?

Estudante Maria : - Então é... tudo que a colega falou é exatamente isso. Uma não serve para derrotar a outra, elas se complementam [...]

- A norma culta ela... Ela é praticada, ela não é muito usada, muito utilizada como a variação linguística, mas ela é... usada em tribunais, ela é usada no Exame Nacional do Ensino Médio do Enem que teve o ano passado, eu acho. Para você fazer uma variação, você não necessariamente, você vai usar gírias, você não vai usar isso, você vai usar uma forma mais formal, uma linguagem mais formal.

- [...] É... e cada indivíduo ele possui a sua forma de falar, então tem a Norma culta, tem a variação linguística, mas tão certas, porque cada uma se complementam, cada um fala com um jeitinho tals. E a variação linguística ela é muito utilizada para se expressar, mas

não quer dizer que ela é mais utilizada para se expressar, que é Norma culta não seja, ela não é para aprender, é o jeito mais certo o jeito mais correto de se falar mas você vai continuar se expressando do mesmo jeito. É... e a norma culta ela é indispensável, quanto a variação linguística, porque ela aponta caminhos que devem ser estudados na escola para que assim todos tenham suas diferentes formas de pensar a língua. Então o que quer dizer que a professora de português ela ensina a norma culta, porque a norma culta é a gramática. Então todo mundo tem que ter essa base, até chegar na variação linguística. É... a gente tem que entender que a norma culta todo mundo aprende, todo mundo entende, sendo que a variação linguística ela é muito mais utilizada porque é um jeito de falar diferente, cada um fala do seu jeito, [inaudível]... aspectos sociais assim.

Estudante Ana: - Pois não existe assim uma maneira correta de falar necessariamente, existe cultura, identidade e singularidade. Porque as gírias, elas vêm a partir de história, e traz o que você é, não deixa todo mundo ser uma pessoa só, mas como a colega disse, Norma culta, ela traz o padrão para que tudo seja facilitado, todo mundo pode escrever, poder fazer e ter facilidade, dentre outros. Porque sem esse padrão, todo mundo teria que aprender várias gírias, várias palavras ia ser muito mais complicado. Então as duas andam juntinhas de mãos dadas.

Estudante Maria : - E... é muito importante a gente dominar a norma culta e a variação linguística também. Porque a norma culta é uma competência muito valorizada no mercado de trabalho. muito valorizada, uma vez que a pessoa domina a norma culta, possibilita várias chances de trabalho. assim você vai numa entrevista de emprego, se vai você vai falar com a psicóloga: - E aí tia tá de boa? Beleza! Tudo bem? Olha só já tá desclassificado né.

APÊNDICE D - MODELO DO TERMO DE COMPROMISSO LIVRE E
ESCLARECIDO (TCLE)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

(Em 2 vias, firmado por cada participante-voluntári(o,a) da pesquisa e pelo responsável.

Assinatura de todos os pesquisadores na última página e rubrica nas demais)

“O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa.”

(Resolução. nº 196/96-IV, do Conselho Nacional de Saúde)

Eu,, tendo sido convidad(o,a) a participar como voluntári(o,a) do estudo **A Lexicografia das Gírias Enquanto Expressões Idiomáticas: Do Twitter para a Sala de Aula** recebi das graduandas Cristiane Silva Costa Paranhos e Kezia Galvão dos Santos de Souza, licenciandas do Instituto Federal de Alagoas (Campus Maceió), responsáveis pela execução dessa Pesquisa, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- Que o estudo se destina a investigar o processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa;
- Que a importância deste estudo é a de possibilitar momentos de reflexões, interações e comprometimento em relação ao ensino-aprendizagem tanto dos estudantes quanto das professoras em formação envolvidos na pesquisa;
- Que os resultados que se desejam alcançar são os seguintes: Sujeitos envolvidos na pesquisa com maior comprometimento em relação ao seu processo de ensino-aprendizagem;
- Que esse estudo começará em Outubro de 2022 e terminará em Dezembro de 2022;
- Que o estudo será feito da seguinte maneira: aulas com textos, músicas, vídeos, debates, leitura e produções orais e textuais;
- Que eu participarei das seguintes etapas: leitura, discussões e produções;
- Que os incômodos que poderei sentir com a minha participação são os seguintes: exposição de minhas ideias e discordância de pontos de vista;

- Que a participação no estudo não trará nenhum risco à minha saúde física ou mental;
- Que deverei contar com a seguinte assistência: apoio das professoras-pesquisadoras e da equipe pedagógica do colégio;
- Que os benefícios que deverei esperar com a minha participação, mesmo que não diretamente são: reflexões sobre o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa.
- Que a minha participação será acompanhada através das produções propostas nas aulas;
- Que, sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.
- Que, a qualquer momento, eu poderei recusar a continuar participando do estudo e, também, que eu poderei retirar este meu consentimento, sem que isso me traga qualquer penalidade ou prejuízo.
- Que as informações conseguidas através da minha participação não permitirão a identificação da minha pessoa, exceto aos responsáveis pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.
- Que o estudo não acarretará nenhuma despesa para mim.
- Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço d(o/a) participante-voluntári(o/a)
--

Endereço: _____

Bairro: _____ CEP _____ Cidade: _____

Telefone: _____

Contato de urgência: Sr(a). _____
--

Endereço: _____

—

Telefones: _____

—

Endereço da responsável pela Pesquisa
--

Instituição: IFAL Endereço: R. Br de Atalaia Maceió - AL, 57020-510 (COLIC).
Telefones p/contato: (82) 2126-7000

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:

Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal de Alagoas:

Prédio da Reitoria, R. Dr Odilon Vasconcelos, 103 – Jatiúca, Maceió - Alagoas

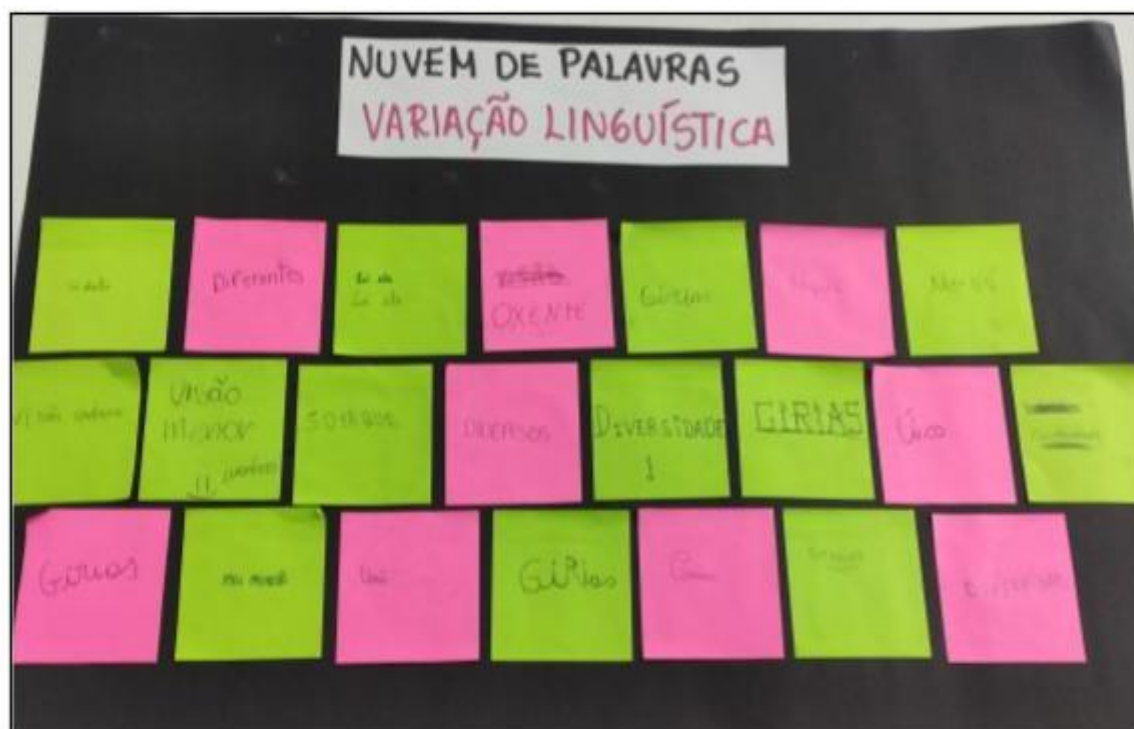
Maceió,

Assinatura d(o,a) aluno(a) voluntári(o,a) - Rubricar as demais folhas	Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) responsável legal - Rubricar as demais folhas

Nome e Assinatura da pesquisadora responsável pelo estudo (Rubricar as demais páginas)	Nome e Assinatura da pesquisadora responsável pelo estudo (Rubricar as demais páginas)

Nome e assinatura da orientadora de TCC

APÊNDICE E -



Fonte: De autoria própria

ANEXOS

ANEXO A – TIRINHAS E CHARGES PARA PLANO DE AULA



NHAÍ, AMAPOA!!! O ENEM TEVE QUESTÃO SOBRE ESSA BAGACEIRA DE DIALETO SECRETO DAS GAY!!! ASSIM O NOSSO ERÊ VAI DESAQUENDAR DOS VALORES DA FAMÍLIA!!! QUE BAFÃO, MONA!!!

ARRASOU, BILL!!! TÔ LOKA!!! TEM QUE CHAMAR A TIA CLEIDE PRA ESSA GENTE PENOSA!!! UÓ!!!

MÃE!!!
PAI!!!
CÊS TÃO
DE CAÔ?



Ricardo Welbert



(Angeli, Luke & Tantra — Sangue bom. São Paulo: Devir/Jacaranda, 2000. p. 17.)

ANEXO B – Textos

Texto: Assaltantes

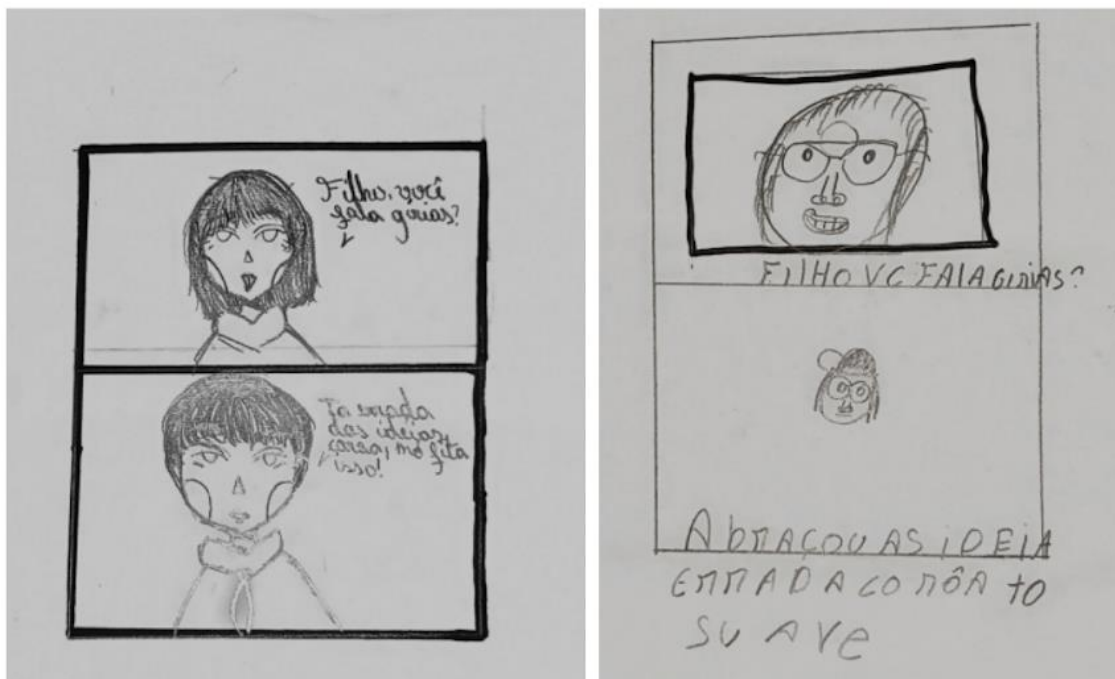
Assaltante Nordestino –Ei, bichin... Isso é um assalto... Arriba os braços e num se bula nem faça muganga... Arrebola o dinheiro no mato e não faça pantim se não enfio a peixeira no teu bucho e boto teu fato pra fora! Perdão, meu PadimCiço, mas é que eu to com uma fome da moléstia...

Assaltante Baiano – Ô meu rei... (longa pausa) Isso é um assalto... (longa pausa). Levanta os braços, mas não se avexe não... (longa pausa). Se num quiser nem precisa levantar, pra num ficar cansado... Vai passando a grana, bem devagarinho... (longa pausa). Num repara se o berro está sem bala, mas é pra não ficar muito pesado... Não esquenta, meu irmãozinho (longa pausa). Vou deixar teus documentos na encruzilhada...

Assaltante Paulista –Orra, meu... Isso é um assalto, meu... Alevanta os braços, meu... Passa a grana logo, meu... Mais rápido, meu, que eu ainda preciso pegar a bilheteria aberta pra comprar o ingresso do jogo do Corinthians, meu... Pó, se manda, meu...

ANEXO C -

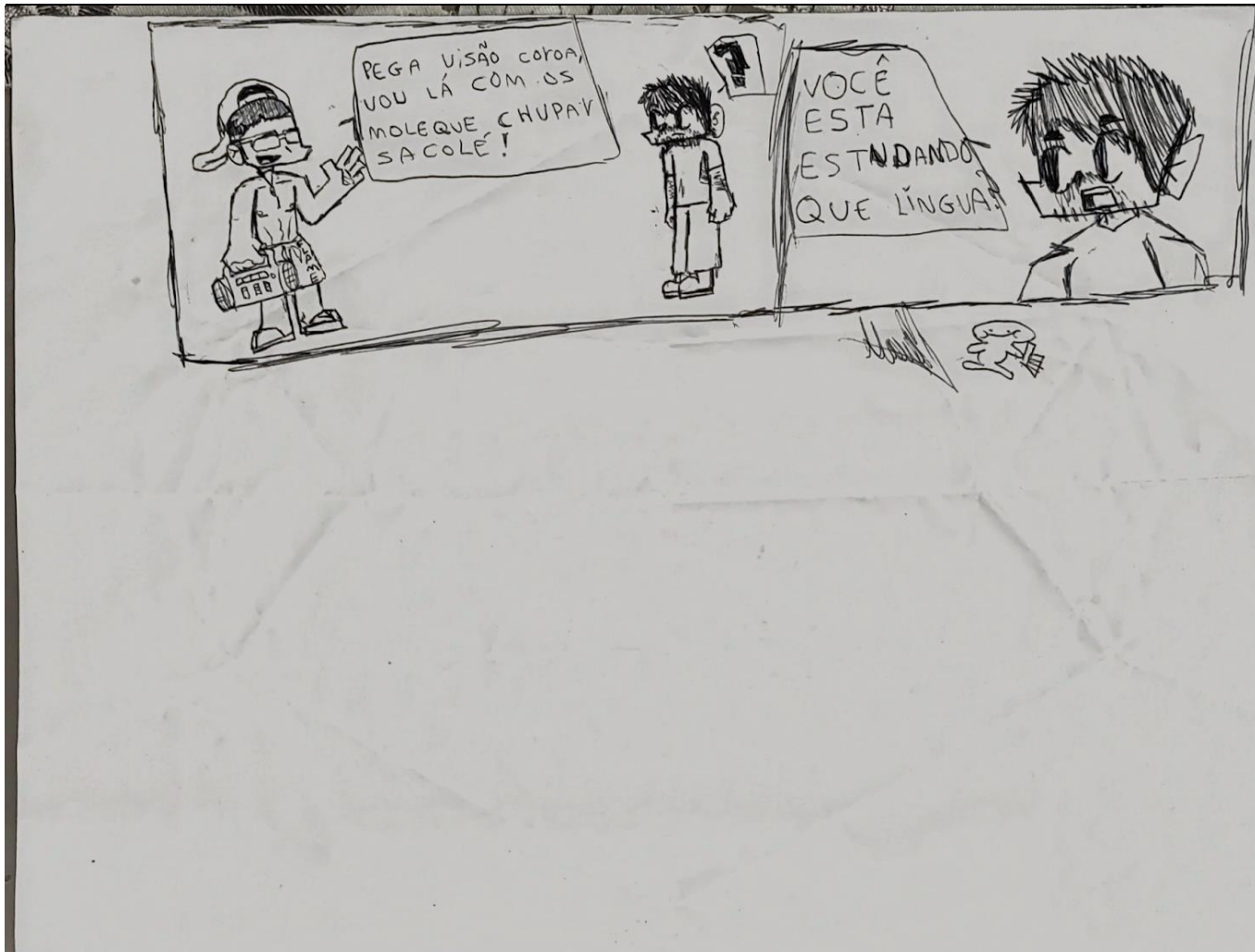
Figura 1: Pais e Filhos



Letramentos e gírias - das redes sociais para sala de aula. Bia e Rafaela, 2022.

ANEXO D -

Figura 2: Você está estudando que língua?



Letramentos e gírias - das redes sociais para sala de aula. Theo, 2022.

ANEXO F -

Figura 4: Dados PNAD/IBGE

